



YES, SHE CAN: O CASO DE MICHELLE OBAMA E A INFORMALIDADE NA MODA

Bárbara Lyra Chaves
barbaralyra@uol.com.br
PPG em Arte e Cultura Visual – FAV/UFG

Miriam da Costa Manso Moreira de Mendonça
mcostamanso@uol.com.br
PPG em Arte e Cultura Visual – FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Neste artigo, partimos da imagem pessoal de Michelle Obama para investigar os indícios de mudança em termos de formalidade/informalidade nos códigos de vestuário atualmente vigentes. Pretendemos refletir a respeito de algumas imagens da primeira-dama norte-americana tendo em vista que a análise de tal questão é atravessada por eventos históricos e sociais.

Palavras-chave: Códigos de vestuário, imagem pessoal, moda.

Abstract

In this article, we start with the personal image of Michelle Obama to investigate the evidences of changes in terms of formality / informality of dress codes currently in effect. We intend to reflect on some pictures of the first lady american from a point of view that analyses this issue as crossed by historical and social events.


Keywords: Dress code, personal image, fashion.

O termo “informalidade na moda” foi um dos escolhidos para um estudo mais aprofundado na dissertação que nos propomos a apresentar para obtenção do título. Em determinados contextos, a expressão é entendida como uma espécie de rompimento com o conjunto de normas reguladoras do vestuário, ou seja, a informalidade é tida como uma flexibilidade do *dress code*. A figura da primeira-dama norte-americana Michelle Obama surgiu como um recorte perfeito para nortear a investigação proposta.

A partir da escolha das roupas de Michelle Obama torna-se possível notar que alguns códigos de vestuário considerados sólidos estão sendo lentamente quebrados, contornados ou revistos. A problemática histórica desta análise circunscreve-se à compreensão de como se dá o processo de informalidade em determinados contextos sociais. Neste caso específico, o vestuário de Michelle seria usado como ponto de partida para a discussão.

Além das roupas usadas por Michelle Obama poderíamos enumerar como fatores que contribuem com o elemento “informalidade” na moda: 1) a adoção da “guayabera”¹ como uniforme oficial do governo cubano, em outubro de 2010; 2)

1 Uma resolução do Ministério de Relações Exteriores de Cuba tornou a “guayabera” - uma espécie de camisa larga feita de algodão ou linho - a vestimenta oficial cubana, e determinou que esta seja usada por todos os representantes do governo em funções do Estado.




o desfile ocorrido em junho de 2011, em que o governo japonês incentivava – em forma do desfile ‘Super Cool Biz’ – os trabalhadores a terem um guarda-roupa de trabalho mais adequado ao seu clima abrindo mão da utilização do paletó e da gravata; 3) a liberação do uso desses elementos do traje masculino pela OAB² do Rio de Janeiro e Pernambuco, em fevereiro de 2011. Com a enumeração desses fatores, que serão analisados com maior profundidade apenas no decorrer da pesquisa, buscou-se uma forma de ilustrar o fato de que outros eventos têm contribuído para uma crescente informalidade na moda. No presente artigo o enfoque limitar-se-á a Michelle Obama e seu modo de se vestir.

Jociele Lampert, aponta que “a moda pode ser vista como um objeto problematizador de tudo e de todos em uma sociedade permeada pelo espetáculo” (LAMPERT, 2007, p. 278). Apoia essa ideia, Guy Debord, quando afirma que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos” (Debord, 1997: 13). Em um estudo aprofundado, o autor pretende mostrar que tudo o que dantes era vivido diretamente pelas pessoas tornou-se, hoje, uma representação. Se seguirmos esse raciocínio, podemos selecionar imagens que sinalizam tais mudanças em termos de níveis de formalidade/informalidade das roupas, utilizando-as para uma investigação sobre as causas de suas possíveis alterações e o que isso parece refletir socialmente. O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses contribui com esta linha de pensamento quando diz que “o objeto de pesquisa é sempre a sociedade. Por isso, não há como dispensar aqui, também, a formulação de problemas históricos, para serem encaminhados e resolvidos por intermédio de fontes visuais, associadas a quaisquer outras fontes pertinentes” (MENESES, p. 28, 2003).

Dessa forma, seria possível considerar que a problemática histórica a ser analisada privilegiaria o rompimento com os códigos de vestuário atualmente estabelecidos. Assim sendo, as fontes visuais que sinalizam essa informalidade, em conjunto com outras fontes, seriam a forma de encontrar resposta para o problema que se propõe. Neste ponto, Lou Taylor (2002) pode contribuir bastante com seu incentivo a uma metodologia de pesquisa interdisciplinar.

As relações de poder abordadas por Paulo Knauss (2006) na forma de “disputas simbólicas como disputas sociais” podem ser associadas aos códigos de vestuário. Nesse direcionamento, o fenômeno de oposição entre os códigos que identificam o vestuário formal e o vestuário informal pode ser entendido como uma espécie de disputa simbólica.

2 A sigla OAB significa Ordem dos Advogados do Brasil.



Diante do cunho histórico privilegiado para o presente estudo, acredita-se que este seja o melhor momento para colocar em discussão o fenômeno de informalidade que, em maior ou menor intensidade, tem mudado padrões. A análise de tal questão é, claramente, atravessada por eventos históricos e sociais. Eis, pois, a importância em se considerar o contexto dos acontecimentos para a compreensão do momento, ressaltada por Meneses (2003), Taylor (2002) e Knauss (2006).

Portanto, a proposta seria iniciar um exercício de conexão entre algumas imagens de Michelle Obama – escolhida como fonte visual – e relacioná-la com outras fontes textuais e visuais, retiradas de jornais, blogs e revistas, que analisam pontualmente suas imagens. Como foi citado acima, a informalidade nos códigos de vestir encontra-se visível em outras áreas que pretendemos abordar na dissertação que será apresentada na conclusão do Mestrado em Arte e Cultura Visual. Porém, para este artigo, o enfoque será dado apenas às composições visuais de Michelle Obama. É importante ressaltar que a intenção do texto não é esgotar a análise, e sim aproveitar a oportunidade para tentar elaborar algumas possíveis formas de enfrentar o assunto.

Começemos com um tímido abraço

Começaremos em abril do ano de 2009, na ocasião dos encontros da cúpula do G20³, ocorridos em Londres. Em visita ao Palácio de Buckingham, algumas atitudes da primeira dama norte-americana Michelle Obama chamaram a atenção da mídia. Uma delas foi o fato de Michelle ter passado a mão pelas costas da rainha Elizabeth da Inglaterra no momento de tirar a fotografia oficial do evento. A particularidade desse gesto prende-se ao fato de que o rígido protocolo da casa real não permite que se toque a rainha. No entanto, o que se viu foi um gesto de reciprocidade real ao braço estendido de Michelle, resultando em um contido abraço entre as duas. Como disse o colunista da BBC Brasil, Ivan Lessa (2009), na reportagem G20. Adotando: uma solução, “foram um barato as sobancelhas arqueadas em circunflexo pelo fenômeno Michelle Obama, que, por ora, varre o mundo civilizado.”

O figurino de Michelle neste encontro pode ser considerado um capítulo à parte. Para a ocasião, a primeira dama usou um vestido em preto e branco, da estilista cubano-americana Isabel Toledo,⁴ acompanhado por um cardigã preto

3 O G20, ou Grupo dos 20, fundado em 1999, é composto pelos ministros de finança e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo juntamente com a União Europeia.

4 Isabel Toledo foi a estilista responsável pela roupa que Michelle Obama usou na cerimônia de posse de seu marido, Barack Obama.

pouco formal para a ocasião. A composição de Michelle rendeu elogios por parte de certos setores da imprensa pela escolha em usar algumas peças de preços módicos. “Tempos de crise demandam um guarda-roupa mais simples: essa foi a lição dada pela primeira-dama americana,” diz o Jornal o Globo (2009).

ISSN 2316-6479




Imagem 1: O casal Obama e a Rainha Elizabeth II. No primeiro detalhe, o criticado cardigã. No segundo detalhe, o abraço.

A consultora de imagem Ilana Berenholc (2009), em post especial que aborda o estilo pessoal de Michelle para o blog da revista “Você S.A”, complementa o raciocínio dizendo que “outra característica importante para os tempos atuais de crise é o fato dela fazer o que chamamos hi-low: mesclar peças mais caras com outras compradas em lojas mais populares.” E hi-low foi o que Michelle fez para o encontro: o uso do vestido low de Isabel Toledo junto a um cardigã high da marca Azzedine Alaia. O vídeo-documentário “O Estilo de Michelle Obama” (2011) ressalta que “apesar de o cardigã ser de uma das maiores marcas do mundo, a primeira-dama dos EUA provocou críticas por estar informal demais. Além disso, na aristocracia inglesa, preto só é usado em dias de luto.”

Na ocasião, o então editor de moda da “Folha de São Paulo”, Alcino Leite Neto (2009), comentou em reportagem que especialistas afirmaram que a cúpula do G20 acabou tomando uma dimensão histórica: ‘Parece que o encontro formalizou o fim da época neoliberal e inaugurou um novo momento político-econômico no mundo’ (NETO, 2009). Certamente o figurino e a postura adotada por Michelle durante o evento, tiveram implicações na [possível] inauguração dessa nova conjuntura.

Jacqueline Kennedy e Michelle Obama – Ícones norte-americanos

Em reportagem para o GNT Fashion (28/03/2011), a apresentadora Lilian Pacce diz que “desde Jacqueline Kennedy, uma primeira-dama americana não



fazia tanto sucesso por seu estilo.” A partir da fala de Lilian, é interessante pensarmos que o estilo pessoal de Michelle difere bastante do estilo de Jacqueline. Porém, devemos levar em consideração que aproximadamente cinco décadas separam o governo de John Kennedy do governo de Barack Obama e, portanto, é preciso levar em consideração o intervalo de tempo, os contextos políticos, sociais e culturais, assim como a moda vigente, para que possamos prosseguir com os detalhamentos do visual de cada uma delas.

“O estilo de Michelle Obama” (2011), retrata o casal John e Jacqueline Kennedy como símbolo das aspirações glamorosas dos cidadãos norte-americanos da década de 1950. Jackie era conhecida pelo uso do colar de pérolas, dos sapatos rasos e baixos, pelo chapéu *pillbox* e pelos óculos escuros enormes. Suas composições visuais continham elementos visuais considerados símbolos de refinamento e formalidade: roupas discretas e sóbrias compostas por linhas predominantemente retas e confeccionadas com tecidos planos; pouco uso de estampas; peças com poucos detalhes e enfeites sutis; predominância de cores neutras e maquiagem discreta.

Já o estilo de Michelle Obama é considerado acessível e inovador. Fazendo um apanhado pelos noticiários, o estilo pessoal de Michelle já foi chamado de casual pelo “Estadão” (2009), de cool-descolado por Alcino Leite Neto (2009), de informal por Vitor Ângelo (2009), de glamour casual por Kate Betts (2011) e de elegante e casual pela equipe do GNT Fashion (2011). Na maioria das ocasiões, ela costuma fazer uso de cores vivas, estampas, mangas curtas, sapatilhas, além dos cardigãs, *twin-sets*, saias de cós alto e pérolas que constituíram o despojado traje em preto e branco usado para a citada apresentação à Rainha Elizabeth. A jornalista Kate Betts, que escreveu o livro “Everyday Icon” sobre o estilo e a influência de Michelle, em entrevista para o GNT Fashion, diz:

Em termos de estilo, em seu sentido mais amplo, ou seja, o que ela veste, como se apresenta, o que diz é muito casual. É a primeira vez que uma primeira dama dos EUA tira os sapatos no gramado da Casa Branca para participar de uma corrida de obstáculos, que usa blusa sem manga no Congresso ou shorts no Grand Canyon. Ela manda um recado importante para as mulheres trabalhadoras e as mães americanas. Ela mostra que podemos ser uma figura pós-feminista. Ela é um ícone pós-feminista (GNT Fashion, 2011).

Ao abordar o assunto para o blog da Folha, Alcino Leite Neto (2009) discorre sobre a possível aproximação entre a imagem de Jacqueline Kennedy e Michelle Obama para as fotos oficiais do governo norte-americano:

Michelle pode até “imitar” um ou outro look de Jackie Kennedy, os saudosistas podem até lamentar que ela não tem a elegância da antiga

primeira-dama, mas tudo isso é bobagem. Michelle pertence a uma outra história _e nesta história, as roupas chiques, a elegância e o glamour não desapareceram, mas deixaram de ser as coisas mais importantes para designar o valor de uma mulher (Neto, 2009).



Imagem 2: Jacqueline Kennedy com a família e Michelle Obama (vestido Michael Kors) na foto oficial para a Casa Branca. Um figurino em comum: vestido preto sem mangas, colar de pérolas, maquiagem suave, cabelos bem penteados, brincos pequenos nas duas fotografias. (Imagens selecionadas por Alcino Leite Neto).

Como nos alerta Alcino (op. cit.), as duas primeiras-damas pertencem a tempos diferentes. Assim, a elegância clássica e aristocrática de Jackie poderia não estar de acordo com a proposta de Michelle em manter um visual casual. Então, olhando a fotografia oficial de Michelle para a Casa Branca, surge a pergunta: qual a razão da possível inspiração visual em Jacqueline Kennedy? No livro *The Study of dress history*, tópico *Retratismo e Fotografia Comercial*, Lou Taylor (2002) abre o capítulo com a citação da pesquisadora em fotografia Sue Braden: “O sentido da fotografia deve ser compreendido de modo inseparavelmente ligado à consciência social, cultura e costumes.”

No mesmo capítulo, também fala Taylor sobre aspectos que devem ser considerados no lugar de tentarmos “ler” roupas através de imagens. Assim, de acordo com a autora, poderíamos considerar as seguintes questões para uma análise da imagem da fotografia oficial: Por que a imagem foi produzida? Por quem? Sob que condições? Para que público? Com que finalidade?

Serão mencionados rapidamente dois fatos que podem gerar desdobramentos interessantes: 1) Michelle é constantemente criticada por usar roupas que deixam à mostra seus braços. Nota-se que o vestido escolhido para a foto oficial (da marca Michael Kors) não tem mangas. 2) A italiana Carla Bruni, desde que se tornou primeira-dama da França, se inspira no visual da americana Jacqueline Kennedy. A reportagem publicada pelo jornal “The Independent” (2008) afirma que: “Carla B says that she would like to be considered as the new

Jackie K. France's first lady, who is still Italian and not yet French, says (...) that her principal role model is an American, Jackie Kennedy⁵."

A formação das Fab Four⁶ do mundo da política

O Jornal "Chicago Tribune" (2009) publicou que, no G20, a primeira-dama americana "mostrou sua versatilidade e tornou-se oficialmente uma das 'Fab Four' do mundo da moda política na era moderna, somando-se a Jacqueline Kennedy, Carla Bruni-Sarkozy e princesa Diana."



Imagem 3: Michelle Obama e Carla Bruni-Sarkozy. Estrasburgo, França, 2009.

A partir da imagem acima, uma comparação visual pode ser feita entre as primeiras-damas contemporâneas Michelle Obama e Carla Bruni-Sarkozy: uma usa estampa, a outra não. Uma usa cor vibrante junto ao fundo escuro, a outra usa cinza neutro e claro. Uma representa os EUA, a outra a França. O visual de Michelle está em consonância com o desejo de mudanças trazido pela campanha de seu marido que pertence ao Partido Democrata. O atual estilo de se vestir adotado por Carla pode ser considerado uma representação visual do governo conservador de seu marido, Nicolas Sarkozy.

Na reportagem 'Mulheres superpoderosas', a revista "Manequim" comparou visualmente o modo das duas se vestirem: "Com estilos bem diferentes, as primeiras-damas dos EUA e da França já se tornaram exemplos de elegância no mundo todo. Enquanto uma gosta de peças confortáveis, a outra é pura sofisticação." Como foi dito anteriormente, Knauss entende "disputas simbólicas como disputas sociais" (2002, p. 100). O caso de Michelle e Carla seria um

5 Em tradução livre: Carla B diz que gostaria de ser considerada a nova Jackie K. A primeira-dama, que é italiana e não francesa, diz que seu principal modelo é a americana Jackie Kennedy.

6 O termo *Fab Four*, ou quarteto fabuloso em tradução livre para o português, originalmente se refere aos quatro integrantes da banda The Beatles.

bom exemplo de como disputas simbólicas se aplicariam em relação a roupas e também ao estilo de governo que elas representam.


Invoquemos Bourdieu (2002) para dar sustento a essa afirmação. O sociólogo francês, procura mostrar que a sociedade estrutura-se em campos onde se desenrola um jogo entre os detentores da posição dominante, que têm um maior capital social acumulado, e os ingressantes, arrivistas que chegaram à disputa sem possuir muito capital específico. Nesse jogo social, os primeiros possuem estratégias de conservação, que têm por objetivo obter lucro do capital simbólico acumulado, e os recém-chegados usam de estratégias de subversão, na procura da acumulação de capital pela inversão, mais ou menos radical, do quadro de valores, uma redefinição um tanto revolucionária dos princípios vigentes.

Que outro pensamento poderia definir, com mais propriedade, o estilo exibido pela primeira-dama dos EUA, esposa de um democrata, visto com desconfiança pelo Partido Republicano, até então dominante, e pertencente à minoria negra em um país que tem se mostrado profundamente racista ao longo do tempo? Em contrapartida, Carla Sarkozy, erguida a uma posição hegemônica na política francesa, apesar de sua origem estrangeira e sua antiga profissão de modelo, censurada pelos mais tradicionais, procurou integrar-se ao cenário conservador do qual faz parte seu marido, usando como modelo a primeira-dama mais globalmente aceita, mulher de um ícone da política mundial. A comparação com Jackie Kennedy, por si só, empresta à primeira-dama francesa o capital social do qual poderia sentir carência em um ciclo de consagração. Cada campo é produto de sua história anterior e princípio de sua história futura. Seu motor é a luta pelo monopólio da distinção.

Desdobramentos de um estilo ‘cool-descolado’



Michelle O. na capa da edição de março de 2009 da Vogue America.




O 'Estilo mais amplo' a que se refere Kate Betts na entrevista dada ao GNT Fashion citada acima, é entendido de forma que as necessidades e o modo de vida do sujeito sejam levados em consideração acima de qualquer código de moda pré-estabelecido. Criticada pela ala conservadora ou aclamada pelos que anseiam por tempos de renovação, o fato é que o modo de Michelle se vestir não passa despercebido. Segundo a consultora de imagem Ilana Berenholc (2009), a razão de tanto 'barulho' a respeito de seu guarda-roupa é que ela surpreendeu ao apresentar uma nova imagem. Ilana ainda diz que:

A forma dela se vestir reflete uma mudança de imagem e comportamento da mulher no mercado profissional, que deixa de seguir modelos antigos, como o de adotar uma imagem masculinizada ou uma não atraente. Ela transmite a independência feminina, uma maior autoconfiança e conhecimento de suas qualidades, talentos e pontos fortes. Michelle Obama também se mostra atraente e feminina. Sua imagem não é assexuada, mas também não é sexual. Por mais que seu corpo não seja completamente escondido – ela mostra os braços, marca a cintura, usa vestidos que acompanhas as curvas de seu corpo – nada é revelador ou provocante (BERENHOLC, 2009).

Com os exemplos citados até o momento, podemos afirmar que o estilo pessoal da atual primeira-dama americana tem sido dissecado pela imprensa. Segundo Knauss, “a imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão”. (2006, p.99). Assim, a difusão da imagem marcante de Michelle tem gerado outra consequência: sua imagem pessoal tem influenciado a decisão de compra de muitas mulheres. Betts, em entrevista para o GNT (2011), aponta que “quando ela veste uma peça, um vestido, uma blusa de uma marca mais popular como Talbots, H&M ou J. Crew, esse item se esgota rapidamente.” Ao abordar o tópico ‘Filmes, estilos e consumo de massa’, Taylor (2002) comenta que estrelas endossam comportamentos e induzem ao consumo de novos produtos. Neste caso, a imensa propagação da imagem de Michelle, vista como a estrela de um novo momento, instiga o consumo de produtos de moda por ela utilizados.

Podemos inferir, levando em consideração o pensamento de Lampert sobre pertencermos a “sociedade permeada pelo espetáculo” (LAMPERT, 2007, p.278) que Michelle tem sido considerada um modelo. Ou melhor, um novo modelo. Como descreve a capa da “Vogue” americana (2009), Michelle é a “primeira-dama que o mundo esteve esperando.” O jornalista Vitor Ângelo (2009), comentou em seu blog Dus Infernus, que:

Precisamos de um novo olhar e de um novo conceito de elegância pra entender o que exatamente Michelle Obama está realizando. E por



fim, talvez surgirá um olhar que não acredite na elegância de homens de terno no centro do Rio de Janeiro ao calor de 40° (ÂNGELO, 2009).

Rosane Preciosa nos fala que “estamos pisando num espaço-tempo que se organiza segundo padrões de homogeneidade, que nos sujeita a formas lineares e serializadas de percepção da existência” (PRECIOSA, 2005, p.39). A ascensão da figura de Michelle, tida como desviante dos códigos e normas de comportamento e vestuário, levanta temas interessantes. ‘A primeira-dama que o mundo esteve esperando,’ como reverbera a capa da Vogue América é afro-americana, jovem, advogada bem-sucedida, mãe. E casual, além de fazer uso do hi-low.

Michelle faz com que estejamos frente a frente com a ascensão da informalidade e da casualidade na moda. Knauss nos faz refletir sobre a “revelação de meandros de formas de vida por meio do registro visual” (2006, p. 99). Assim, a análise das imagens que ilustram essa informalidade busca formas de melhor compreender o fenômeno. Meneses complementa que para tal, “é necessário tomar a imagem como um enunciado, que só se aprende na fala, em situação. Daí também a importância de retratar a biografia, a carreira, a trajetória das imagens” (MENESES, 2003, p. 28). Portanto, a análise das imagens (fontes visuais) de Michelle Obama em conjunto com o que é dito em blogs, jornais, sites (fontes textuais) como forma de se ‘retratar a biografia, a carreira, a trajetória das imagens’ é um caminho inicial para se analisar o fenômeno da informalidade na moda.


Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo - Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

KNAUSS, P. *O desafio de fazer história com imagens: Arte e cultura visual*. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n.12, p. 97-115, jan-jun, 2006.

LAMPERT, Jociele. A imagem da moda muito além da sociedade do espetáculo: proposições para formação de professores em artes visuais In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). *Arte, Educação e Cultura*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p. 271-288.



MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, p.11-36, 2003.

PRECIOSA, Rosane. *Produção Estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

TAYLOR, Lou. *The Study of dress history*. Manchester University Press, 2002.

Referências Eletrônicas

ÂNGELO, Vitor. Michelle, ma belle. *Dus Infernus*, 2009. Disponível em: <<http://dusinfernus.wordpress.com/2009/04/04/michelle-ma-belle/>>. Acesso em 13/11/11.

BERENHOLC, Ilana. Aprendendo com Michelle Obama. *Comportamento é Imagem*, 2009. Disponível em: <<http://vocesa.abril.com.br/blog/ilana/2009/04/06/aprendendo-com-michelle-obama/>>. Acesso em 17/11/11.

LESSA, Ivan. G20: Adotando uma solução. *BBC Brasil*, 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/2009/04/090403_ivanlessa_tp.shtml>. Acesso em 18/11/11.


NETO, Alcino Leite. Os braços de Michelle. *Última Moda*, 2009. Disponível em: <http://ultimamoda.folha.blog.uol.com.br/arch2009-03-29_2009-04-04.html>. Acesso em 16/11/11.

_____. Bate papo com Alcino Leite Neto. *UOL*, 2009. Disponível em: <<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/moda/alcino-leite-neto-da-folha-conta-as-novidades-mostradas-nas-semanas-internacionais-de-moda.jhtm>>. Acesso em 13/11/11.

Call me Jackie...Ok Carla – but does that make Sarko the new JFK. *The Independent*, 2008. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/call-me-jackie-ok-carla--but-does-that-make-sarko-the-new-jfk-880330.html>>. Acesso em 13/11/11.

Cuba transforma a tradicional camisa guayabera em vestimenta oficial do governo. *Folha online*, 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/810802-cuba-transforma-a-tradicional-camisa-guayabera-em-vestimenta-oficial-do-governo.shtml>>. Acesso em 12/11/11.

Estilo casual faz de Michelle Obama a primeira-dama da moda. *Estadão.com.br/Cultura*, 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/>>



arteelazer,estilo-casual-faz-de-michelle-obama-a-primeira-dama-da-moda,348982,0.htm>. Acesso em 13/11/11.

Mulheres Superpoderosas. *Manequim online*, Sem data. Disponível em: <http://manequim.abril.com.br/moda/reportagem/mulheres-superpoderosas-472504.shtml>> Acesso em 10/11/11

O Estilo de Michelle Obama. *Globo.com*, 2011. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1407682-7822-O+ESTILO+DE+MICHELLE+OBAMA,00.html>>. Acesso em 09/11/11.

Programa GNT Fashion. *Globo.com*, Em 28/03/2011. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1472124-7822-ESTILO+DE+MICHELLE+OBAMA+VIRA+TEMA+DE+VARIOS+LIVROS,00.html>> Acesso em 09/11/11.

Vestidos de Michelle Obama concentram atenções. *O Globo*. 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2009/04/01/vestidos-de-michelle-obama-cadillac-concentram-atencoes-755098498.asp>>. Acesso em 09/11/11.

Who made Obama's dresses? *Chicago Tribune*, 2009. <<http://www.chicagotribune.com/news/politics/obama/chi-michelle-obama-dress-story,0,1949360.story>>. Acesso em 13/11/11.

Minicurrículos

Bárbara Lyra Chaves é *personal stylist* formada por Ilana Berenholc, mestranda do programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual, especialista em Arte Contemporânea pela FAV/UFG, graduada em Design de Moda pela FAV/UFG.

Miriam da Costa Manso Moreira de Mendonça é doutora em ciências sociais PUC-SP, mestre em ciências da comunicação ECA/USP, especialista em arte educação UFG, graduada em Artes visuais UFG, subcoordenadora do programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual FAV/UFG, professora do curso de graduação em Design de Moda UFG. Possui livros e artigos publicados na área de moda e antropologia.